

A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO SIMBÓLICO DE JUAZEIRO DO NORTE-CE NO CANCIONEIRO DA BANDA DR. RAIZ

MARIA RAYSSA VIEIRA ANTUNES

Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: rayssa.antunes@yahoo.com

ANAEL RIBEIRO SOARES

Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: anael.rs@gmail.com

Introdução

Esta pesquisa de cunho geográfico, via estudos culturais, aborda a representação da espacialidade de Juazeiro do Norte-CE, cuja religiosidade impregnada pelo catolicismo popular é elemento fundante, no cancionero do grupo musical Dr.Raiz, criado na década de 1990. Sob forte influência do Manguebeat, por volta de 1998, na região do Cariri Cearense, mais precisamente na cidade de Juazeiro do Norte, surge no âmbito cultural a Dr.Raiz, em alusão aos vendedores de remédios naturais à base de raízes de plantas medicinais. Direto ou indiretamente ela incorpora alguns elementos do Manguebeat, a exemplo do caráter culturalmente híbrido em matéria de sonoridade. É o cancionero desse grupo caririense, precisamente, nosso objeto de estudo.

De modo geral, entende-se que a arte, nesse caso a música, mantém uma relação intrínseca com a vida cotidiana, na medida em que é refratária da realidade social objetiva. (LUKÁCS, 2009) Nesse sentido, uma vez que música e espaço [social] são intercessores um do outro, interessa-nos compreender de que maneira o espaço da cidade de Juazeiro do Norte, simbolicamente delineado pelo catolicismo popular, em função do histórico papel do Padre Cícero nele exercido (PEREIRA E OLIVEIRA, 2009), foi representado na sua dimensão vivida, enquanto paisagem cultural, afinal, esta não imprescinde apenas da visão, mas do aparelho cognitivo,(COSGROVE, 1998) no interior das canções da Dr.Raiz.

Metodologia

Do ponto de vista teórico-metodológico, selecionamos algumas canções, por julgarmos que dialogam mais com nossa proposta investigativa. Para tanto, recorreu-se a proposições teóricas elaboradas por Kong (2009), principalmente “as relações entre música e o caráter e a identidade dos lugares”. Assim, temos como ponto de partida, a análise do simbolismo das paisagens culturais evocadas\ compostas nas/pelas canções do grupo em questão, uma vez que, segundo Cosgrove (1998, p.110), “(...) pinturas, poemas, romances, contos populares, *músicas*, filmes e *canções* podem fornecer uma firme base a respeito dos significados que lugares e paisagens possuem, evocam...” [grifo nosso]. Ao mesmo tempo, em termos de abordagem, aquilo que é classificado por geografia da religião, sobretudo os estudos de Rosendahl (2003), fornecem elementos fundamentais concernentes a duas dimensões de análises adotadas na nossa perspectiva espacial: Sagrado e Profano.

Resultados e discussões

A cidade de Juazeiro do Norte, de modo geral, é alvo da religiosidade e crença católica. Localizada no sul do Estado do Ceará, alcançou o estatuto de cidade graças à influência política do Padre Cícero Romão Batista. Seu processo de formação populacional se deu a partir do suposto milagre da hóstia, supostamente convertida em sangue na boca da beata Maria de Araújo numa missa realizada pelo Padre. Houve uma repercussão do suposto milagre de tal maneira que a cidade começou a receber peregrinos de todas as localidades, em especial do Nordeste. Em função disso, a cidade inclusive ganhou a alcunha de “Terra Santa”, pois, mesmo após a morte do Padre, a urbe continuou recebendo peregrinos, até os dias atuais.

Portanto, este espaço de conotação religiosa traz consigo como característica simbólica a figura do seu fundador, ou seja, o

Padre Cícero. Por isso, o canção da banda Dr. Raiz traz em algumas de suas canções esta representação simbólica imbuída no catolicismo popular, que se alicerça na espacialidade e na paisagem de Juazeiro do Norte. Isso pode ser notado no trecho da canção “Estrela de Prata”, na qual o eu-lírico recebe a bênção, através de uma estrela de prata, do Padre, elevado a categoria de santo pelos romeiros e fieis: *“Meu Chapéu não tem mais a estrela de prata que o padim abençoou¹.”*

Na canção Borboletas Azuis, por exemplo, é narrada à experiência religiosa, ao que parece, de um suposto romeiro/fiel cuja crença, até então, depositara na sacralidade do espaço juazeirense, naquilo do qual se nutria existencialmente, a saber, a fé. De início, por meio da cerimônia religiosa, do simbolismo da oração, das próprias crenças, constitutivos de uma identidade, a canção vai nos situando numa cidade cujo espaço é considerado sagrado, portanto, numa hierópolis: *“Juazeiro Terra Santa”*. De fato, para Rosendahl (2003, p.198) “o espaço da sacralidade cívica qualifica-se por possuir um conjunto de crenças, símbolos e cerimônias legitimadas pela sociedade(...)”

Daí segue-se a canção: *“Penei, rezei até me afobar (...) Subia e descia o horto todo dia”*. Há, nesse trecho, uma espécie de prática ou rito religioso consagrado mediante a crença na sacralidade e/ou simbologia do espaço, isto é, a colina do horto, onde se encontra materializada a estátua do Padre Cícero. Além do horto, vale ressaltar a existência de outras marcas religiosas na paisagem da cidade, tal como a Igreja do Socorro, na qual está presente o túmulo do Padre, bem como a matriz, a partir da qual historicamente realizam-se as maiores cerimônias religiosas, sobretudo durante as romarias. Toda essa espacialidade erigida, figuradas nas formas e funções das paisagens, nas palavras de Rosendahl (op.cit. p.198), decorre-se do

¹ Trecho da canção “Estrela de Prata”. Preferimos empregar a citação de acordo com a estrutura da letra, ao invés de seguir a normatização padrão.

fato de que “uma estátua, um túmulo ou outras formas espaciais devem ser construídas, para transmitir valores às futuras gerações por meio de celebrações cívicas.”

No decorrer da canção revela-se outro caráter da experiência religiosa do eu-lírico em que o espaço ganha um aspecto profano. Isso ocorre, precisamente, a partir do seguinte trecho: “Mas minha paciência agora já se esgotou”. Daí então a sacralidade do espaço é dissolvida na medida em que outros valores e situações passam a habitá-lo:

*Sufrimento, muita reza e penitência
Fanatismo, hipocrisia e miséria
É verdade ainda dizem que o Paraíso
Se consegue sendo pobre sofredor
E desse jeito vivi a vida reprimido
Pensando estar certo meu senhor²*

Nosso eu-lírico não abdica, necessariamente, da crença numa divindade, mas parece negar a condição existencial a qual também esteve submetido, assim como outros fieis, sob a promessa de atingir o Paraíso. Ele percebe, na verdade, que em meio ao sagrado encontra-se contido traços da dimensão profana da existência humana. Assim, quanto ao espaço da cidade de Juazeiro do Norte:

O profano se instala de forma que não consegue mais se desligar do sagrado. É possível encontrar tudo ao redor da Basílica da Nossa Senhora das Dores, (bolsas, redes, painéis, frutas, artigos de vestuário, brinquedos, e o principal, os artigos religiosos), pois os produtos que são vendidos nos arredores do Santuário se apóiam no comércio religioso para, a partir daí, tentarem comercializar outros produtos em que de nada têm de religiosidade. (PEREIRA E OLIVERA, 2009, p.46)

² Trecho da canção “Borboletas Azuis”. Preferimos empregar a citação de acordo com a estrutura da letra, ao invés de seguir a normatização padrão.

Também entende ele que ali, na “Terra Santa”, há uma dimensão política, uma estrutura de poder em que o profano se beneficia da sacralidade, por assim dizer, que há um discurso ideológico capaz de privilegiar instituições religiosas, grupos sociais em detrimento de outro grupo social que precisa, por outro lado, incorporar o sofrimento, miséria, caso realmente almeje alcançar a “salvação” num suposto plano metafísico. Em outras palavras, poderíamos dizer que o eu lírico atinge a autoconsciência de que profano e sagrado são intrínsecos, algo que o faz superar um estado por ele tido como repressão em se tratando de normas, ritos, práticas, valores, crenças, enfim.

Considerações finais

A influência do espaço vivido alinhado aos símbolos e significados das paisagens que são externados através do contexto das canções, traduzem as características religiosas da espacialidade juazeirense revestida por uma forte atmosfera cultural da qual sua identidade representacional é composta. Fica claro que, a dimensão profana associa-se as relações de poder, ao discurso ideológico pertencente à religiosidade.

Referências bibliográficas

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

LUKÁCS, György. **Arte e Sociedade: escritos estéticos 1932-1967**. Organização, apresentação e tradução Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

KONG, L. Música popular nas análises geográficas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z.

(Orgs.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p.129-175.

PEREIRA, Claudio Smalley Soares; OLIVEIRA, João César Abreu de. Fé e Identidade Sacra. O Espaço Sagrado de Juazeiro do Norte/CE. **OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia**. V.1, n.3, p.-38-50, 2009.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de Análise. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.